



UM CORAÇÃO NAS TREVAS

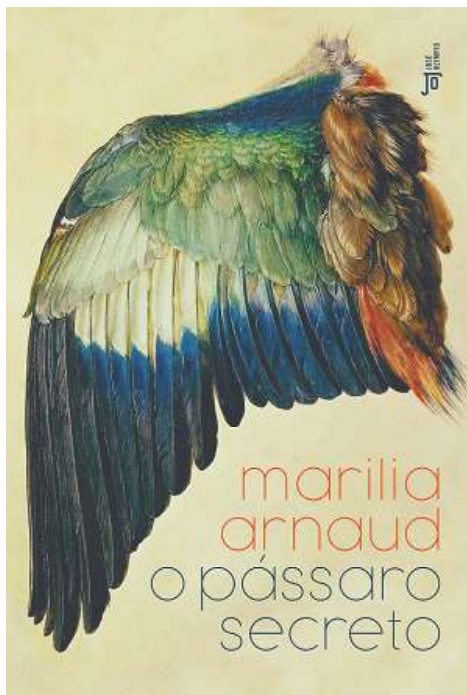
Ronaldo Cagiano

Em seu novo livro, *Pássaro secreto* (Ed. José Olympio, 2021), romance que venceu o Prêmio Kindle de Literatura 2021, Marília Arnaud consolida sua vitoriosa e premiada trajetória literária marcada por obras, ao mesmo tempo, de intenso lirismo e de densa investigação sobre o ser e o estar-no-mundo. Aprofunda uma escrita literária voltada para a imersão nos dramas e dilemas existenciais, como em *Sentimento marginal* (1987), *A menina de Cipango* (1994), *Os campos noturnos do coração* (1997), *O livro dos afetos* (2005), *Suite de silêncios* (2012) e *Liturgia do fim* (2016).

Pássaro secreto, narrado como um fluxo de memórias da personagem, percorre os encontros e desencantos de Aglaia Negromonte que, em clave confessional, vai desfiando os fios de um novo, descortinando as angústias e inquietações de uma filha acossada pelos desassossegos de sua convivência familiar. Tendo na figura de seu pai, um ator autorreferente e egoísta, o cerne de sua luta íntima para ser notada, aceita e amada, a protagonista empreende uma sondagem das fragilidades com as quais, desde cedo, teve que lidar, como a relação com os pais e – a distante, mas não menos tumultuada – com os irmãos Heitor e Eufrosine.

No bojo da crise e da instabilidade que vão tolher toda a infância e adolescência de Aglaia, está uma filha, Thalie, que o pai, Heleno, teve fora do casamento e que ao ser revelada torna-se o motivo do vórtice que transtorna a sua vida, ao sentir-se perdendo a centralidade. Esse fato desencadeia uma sequência caótica na vida de Aglaia, pois, como se fosse um fantasma ou obsessão, Thalie importunará sua vida e afetará sua subjetividade como um contraponto avassalador, na medida em que sente-se rejeitada ou sem segundo plano, já que a filha bastarda torna-se o objeto das atenções, do amor paterno e até dos interesses do primo Demian, por quem ela desenvolve um amor platônico.

Ao sofrer seus revezes psicológicos, afetivos e emocionais, Aglaia é submetida a internação para tratamento psiquiátrico e a partir dessa submissão a um esforço para ‘curar-se’ desses conflitos, deambula por instâncias perturbadoras, em que, muitas vezes, o real e o onírico, o plausível e o fantasioso, acabam por conviver num terreno pantanoso onde sensações contraditórias se manifestam, quando é tênue a fronteira entre o mundo vivido e o projetado. Assim ela abre o romance, em chave catártica, como se fora um diário na tentativa de



aquecer-se diante do inverno de seu eterno descontentamento: “Talvez exista um lugar de onde não se pode mais retornar, onde a vida não pode ser restituída. Talvez esse lugar seja aqui, onde estou agora, submersa na essência do silêncio, a entoar uma canção sem melodia nem palavras, livre do peso do meu próprio corpo, livre de mim mesma.”

Apaixonada por literatura e música, Aglaia mergulha num território povoado de estranhamentos a partir da descoberta da irmã bastarda e ao longo da história deslindam-se situações, ocorrências, cenários e personagens que expõem a efervescência de uma vida premida por desafios e questionamentos, em que o sentimento de marginalidade ou despertecimento vai enredando uma teia de perplexidade e ambiguidades, um ser em permanente vulnerabilidade diante dos rumos de uma vida “que poderia ter sido e não foi”.

A sensação de insularidade da personagem nesse mundo que parece perfeito para os demais membros da família e desértico para ela encontra eco na metáfora com que define o desconforto que a atormenta e a lança numa labiríntica odisséia psicológica: a Coisa, essa entidade superracional que a habita, descrita como um pássaro chafurdando suas asas dentro de seu corpo, tangendo seu coração com bicadas inclementes. Esse delírio vai tomando corpo na

medida em que cresce sua angústia, este o pássaro secreto que ela tenta exorcizar ao relatar “o horror, o horror”, aqui uma clara referência a *O coração das Trevas*, de Conrad, uma dentre os diversos diálogos e flertes que (tanto a narradora como a autora) mantém, em delicada simbiose estética, com autores e obras e com as diversas linguagens artísticas, seja na escolha dos nomes dos personagens, seja na analogia com outros universos literários – de Shakespeare a Hesse, de Victor Hugo a Cecília, de Jim Morrison a Renato Russo; da Grécia ao sertão paraibano –, o que empresta a essa obra uma polifonia intertextual e uma inegável riqueza metalinguística.

Pássaro secreto, ao revelar as trevas de um coração angustiado pelas vicissitudes de seu personagem, traz à discussão os limites a que um ser pode ser levado pelas próprias desventuras. Eis um livro que mescla a pungência de um drama e a delicadeza de uma narrativa poética e epifânica, destacando a habilidosa ourivesaria de uma autora que explora, no mais profundo sentido artístico, as perplexidades e mistérios existenciais.

Trecho:

“Não consigo me mover, mudar de posição. Doem-me os ossos, os músculos, os mais íntimos ligamentos da carne. Não sei por quanto tempo os dias têm sido o mesmo dia. As enfermeiras aparecem para medir minha temperatura, trocar ou apenas checar a bolsa de soro. O quarto fede a éter e desinfetante hospitalar. Cada vez que ouço a maçaneta da porta girar, puxo o lençol rapidamente sobre o corpo e a cabeça, encolho-me como um feto e simulo um sono de morta. Nos raros e breves momentos em que me deixam sozinha, descubro os olhos e observo um pedaço de céu através da janela envidraçada, às vezes, de um azul brilhante, às vezes, dourado como um céu de poema, outras vezes, manchado das espumas das nuvens. Meus pais se revezam nos cuidados comigo. Sei que são eles. Reconheço seus sussurros quando confabulam entre si ou com os médicos enfermeiros. Falta-me coragem para lhes confessar que não era para ter sido como foi, que deu tudo errado, que a culpa é toda minha. O que eles sabem? Se sabem a verdade, não mereço a confiança de estar sozinha. Empenham-se em me proteger. E, por certo, responsabilizam doutor Xisto, que não suspeitou do perigo que represento para mim mesma.”

Ronaldo Cagiano é escritor, advogado, ensaísta e crítico brasileiro, reside em Portugal.



Saudação à Rosani Abou Adal - Casa da Arte Aldravista - Mariana (MG)

J. B. Donadon-Leal

Bem-vinda, Rosani Abou Adal, à Casa da Arte Aldravista, neste ano em que comemoramos 300 anos de nascimento do poeta pioneiro de Minas Gerais, Frei Santa Rita Durão, ano do centenário da Semana de Arte Moderna e também do centenário de nascimento de poeta, músico e artista plástico Camilo Francisco Leal. Frei Santa Rita, precursor da epopeia nacional; a Semana de Arte Moderna, alerta incontestável de que poderíamos navegar nas ondas das artes europeias, surfando as nossas próprias ondas, e Camilo, que com sua arte popular nos mostrou que alguma coisa inteira ocupa lugar na natureza, mas não precisa ser figurada na arte, porque a arte é a arte da suficiência, daí, um pedacinho dessa coisa basta, para que essa coisa se projete inteira nas mentes dos espectadores.

Um parêntese, você publicou belíssima homenagem ao centenário de nascimento de Paulo Dantas. Tive o privilégio de estar com ele em sua casa, em São Paulo, em 1995 e depois em 1996, para



Júlio Vasconcelos, Dica Anjos, Andreia Donadon-Leal, Vânia Silva, Hebe Rôla, Magna Campos, Adriana Bravin, Giseli Barros, Anício Chaves, J.B. Donadon-Leal, Thiago Peba, Viviane Barcellos, Gabriel Bicalho e Rosani Abou Adal.

ouvir suas histórias infindáveis. Saudade do criador do *Capitão Jacunço*. Fui levado até ele pela minha orientadora de doutorado, a russa, admiradora do *Jornal Linguagem Viva*, Victória Namestnikov El Murr.

Receba, Rosani, o abraço dos aldravistas desta cidade da poesia, porque a poesia em Mariana nasceu de um abraço. Frei Santa Rita Durão nasceu em 1722 no extremo norte de Mariana, lá no Inficionado, há algumas léguas de Catas

Altas; Cláudio Manoel da Costa nasceu sete anos depois no extremo sul de Mariana, lá na Vargem, caminho de Itatiaia e Itaverava. A partir desse abraço, Mariana viu nascer muitos poetas e abrigou, nesse colo de Mãe de Minas, tantos outros poetas que aqui buscaram abrigo e aqui encontraram acolhimento.

Receba o abraço, Rosani, da cidade mineira irmã de São Paulo, porque Mariana, de 1711 a 1719 sediou a Capitania de Minas do Ouro e São Paulo, no governo de Albuquerque, o governo da fundação da Capitania. Era aqui que Albuquerque controlava o fluxo de muito ouro que das lavras brotavam, para delírio da Corte Portuguesa e para traçar estratégias de novos avanços na conquista dos sertões que se infindavam a oeste.

Receba o abraço caloroso dos mantenedores do *Jornal Aldrava Cultural*, poeta Gabriel Bicalho, Andreia Donadon, Hebe Rôla, e em coração de JS Ferreira, que manda a você grande abraço. O *Jornal Linguagem Viva*, criação sua e do saudoso Adriano Nogueira, é sem sombra de dúvidas o mais longo jornal literário brasileiro e referência na divulgação da literatura nacional, por isso, o *Jornal Aldrava* a recebe como autoridade do jornalismo literário, e com orgulho, digo, diante da chefe do Departamento de Jornalismo da Universi-

dade Federal de Ouro Preto, Adriana Bravin, e do jornalista Thiago Caldeira, estudioso de podcasts, que sua atuação, desde 1989, mostra para o Brasil que é possível fazer jornalismo literário sem ser refém da propaganda dos lançamentos das grandes editoras. O jornalismo do *Linguagem Viva* privilegia a produção literária, a crítica autônoma e independente e acolhe os escritores brasileiros. Parabéns, Rosani, e vida longa ao *Linguagem Viva*!

Sinta-se acolhida, Rosani, no aconchego da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil, aqui representada por escritores representativos das Letras Mineiras, por esta Casa da Arte Aldravista e pelos amigos da Cultura, aqui representados pela Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, do Movimento renovador de Mariana e por quem simplesmente ama literatura.

E concluo essa saudação de boas-vindas a Rosani Abou Adal, já antecipando o início de nossa tertúlia, cantando nosso hino: Vem, vê o poeta!

José Benedito Donadon-Leal é professor da UFOP, Doutor em Semiótica e Linguística pela USP, Pós-Doutor em Análise do Discurso pela UFMG, presidente do conselho editorial do *Jornal Aldrava Cultural* e membro da Academia Marianense de Letras.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil. Enviar comprovante e endereço para linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

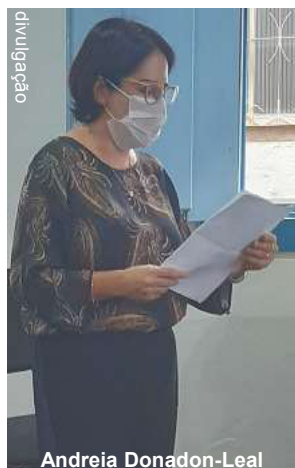
Rua Madre Cecília, 1770 - Piracicaba - SP - 13400-490

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



Saudação à Rosani Abou Adal



Andreia Donadon-Leal

Andreia Donadon-Leal

Caríssima, Rosani Abou Adal, é uma honra recebê-la na Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes, nesta tarde de segunda-feira, início de outono. O outono é tempo de colheita dos frutos amadurecidos pelo ciclo da vida vegetal, iniciado nas floradas de primavera. Vivemos nesta Casa de Cultura também período de colheita de plantios e cultivos feitos ao longo dos 60 anos de existência desta Academia. Pessoas abnegadas dispuseram tempo e produtos de suas incursões intelectuais, para que a cultura marianense pudesse florescer. Neste ano comemoramos 60 anos de sucesso e muita contribuição para o crescimento cultural de Mariana e para a defesa do patrimônio material e imaterial

de Minas Gerais, pois os acadêmicos desta Casa evocam para si a responsabilidade de representar a Primaz de Minas Gerais em todos os foros e todas as instâncias.

Ouviram das ruas de mariana
badalos festivos de sinos
macios
puros
divinos
e ternas
vozes de crianças.
Ouviram da rachadura do céu
sincopada banda do mestre Gegê
canto de anjos
gorjeio uníssono de pintassilgos
sabiás e bem-te-vis.
Durão!
Cláudio!
Alphonsus!
ecos poéticos
inversa canção:
zumbidos soprados
ventos declamados
Ouviram das montanhas de minas
No céu
na terra
nas montanhas
no Ribeirão do Carmo
ouviram diversas vozes
em som retumbante
Mariana!
pátria amada de Minas!

O nome da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes traz consigo lemas em latim: Spiritus super omnia – “O Espírito sobre todas as coisas” e Valere Loquendo – “A Força da Palavra”.



Alunos da UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

O sobrado onde funciona a Casa de Cultura de Mariana foi edificado em 1733, e até 1760 serviu simultaneamente de moradia do intendente e de “repartição arrecadadora dos produtos da capitulação, do confisco e de escravos, arrematações em praça pública e tudo quanto entendia com o ouro destinado ao erário público”. Servia então de Casa de Intendência, Casa de Fundação de Ouro e de recebimento do quinto do ouro.

Nasceu nesta Casa a ideia de comemorar o Dia de Minas, que em setembro de 1989 se consolidou no Artigo 259 da Constituição de Minas Gerais, determinando que no dia 16 de julho a capital de Minas seja transferida simbolicamente para Mariana, o que acontece desde 1990.

A academia Marianense de Letras congrega culturas – da erudita à popular, das letras e dos bordados, da literatura e da música, da arte e do artesanato, num esforço contínuo de mostrar a arte de Mariana para o mundo e de mostrar para

Mariana a arte do mundo. Por isso esta Casa promove encontros, palestras, oficinas, escola de violão, abriga um coral, uma Academia Infantojuvenil de Letras e o Movimento Renovador de Mariana. Esta é, sem dúvida, uma Casa de formação de pessoas, de acesso à cultura em geral e em especial à literatura.

Muitas pessoas ilustres aqui vieram e foram acolhidas por Mariana, representada nesta metonímia, neste sinal que é a academia marianense. Sinta-se acolhida como autoridade literária e jornalística deste país. Seu nome fica registrado nos anais de nossa história, e que você possa levar da-

qui no calor do nosso aconchegante abraço gaveteiro.



Rosani Abou Adal

Andreia Donadon-Leal é poeta, escritora, artista plástica, pós-graduada em Artes Visuais, Cultura & Criação e Mestre em Literatura e Cultura na Universidade Federal de Viçosa.

Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional.

Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -

sebobrandaoasp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo

<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



SACRIFICIUM, DE DANIEL MAZZA

Gerson Valle

Às vezes pode parecer difícil o limite da Poesia com o inefável místico, fantasioso ou sonhador. As religiões permeiam tudo isto em sua essência. Mas a institucionalização que as secularizam materializam-nas a ponto de não lembrarmos mais o sentido de suas origens. De certa forma a Poesia também, em certas escolas, pode permear objetividades mais próximas de narrativas prosaicas, chegando mesmo a se ater apenas a formalismos que a querem tipificar, quando é o intuito de uma perspectiva metafórica, alegórica, simbólica, em parábola do mundo que a situa significativamente. O livro "Sacrificium", de Daniel Mazza (Mondrongo, Bahia, 2021), reverte a Poesia contemporânea ao ânimo inefável trazido de suas origens. Está na poesia do Antigo Egito, no oriente, em Homero, passa por toda a cristandade medieval, tendo seu ápice em Dante, nada parecendo mais próximo ao subjetivismo poético que as sensações, intuições, apreensões místicas do ser humano. Por mais que a racionalidade dos iluministas e o materialismo do século XIX tenham marcado um afastamento científico das abstrações místicas, as indefinições psíquicas do "spleen", um gosto tentado pela embriaguez, a índole amorosa, a perquirição do nunca acaba do conhecimento, ou seja lá que outros percurtos existenciais nos colocam frente aos mistérios jamais decifrados, as questões ditas do espírito nunca perdem sua primazia. A título de exemplificação, o jovem Paul Claudel, de formação atea, em plena Paris dos intelectuais materialista de 1886, sente-se em "estado de conversão" num concerto da Missa Solene de Beethoven na Catedral Notre Dame de Paris, e para o resto da vida sua poesia refletirá as "verdades reveladas" dos evangelhos cristãos. E ele mesmo chamará de "mística em estado selvagem" as "Illuminations" de Arthur Rimbaud, que antecede grande parte dos diversos "modernismos" da poesia do século XX. Como nos versos de "Zone" de Guillaume Apollinaire: "C'est le Christ qui monte au ciel mieux que les aviateurs / Il détient le record du monde pour la hauteur" ("É o Cristo que sobe ao céu melhor que os aviadores / Ele detém o record do mundo pela altura").

No Brasil, dentro do Modernismo, poetas como Jorge de Lima e Murilo Mendes, tangenciando o surrealismo tocaram plenamente na mística católica (que esteve, aliás, presente na primeira fase de Vinícius de Moraes). O imagético nos versos é também um elemento fascinante muito evidenciado no livro em questão de Daniel Mazza. Os títulos de suas quatro partes já nos remetem à crença cristã: "O túmulo vazio", "O calvário", "O deserto", "Sacrificium".

A força dos versos, normalmente realçados pelo decassílabo heroico, em raras rimas, passa não só pelo mundo de primazia cristã como revê existências e possibilidades coexistentes de

deuses pagãos (o que, de certa forma, nos faz reverter a Camões e grande parte do Classicismo). As questões religiosas, entretanto, não estão sempre expressas claramente, ficando preocupações filosóficas nelas de certo nascidas a meio da divagação poética e metafísica:

"Porque infinitas gotas de instantes
Nunca encham um mar de eternidade.
Nem infinitos pingos reunindo-se
Nas bacias das nuvens para a chuva
Despejar, nunca são a própria chuva."

Há certo desencanto, por vezes, com a realidade que nos aponta a distância das crenças, como no poema "Parábola do mundo":

"O ser aprisionado entre as muralhas
Do que é a consciência e o que é visível,
Em um mundo de absurdos, onde o mundo
É por certo o maior dos absurdos."

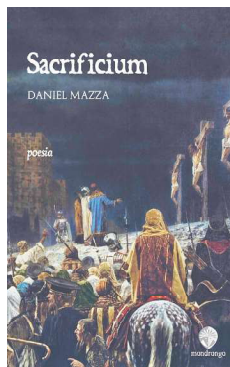
Recomendo a leitura de todos os poemas do livro para quem sente a necessidade da Poesia construída substancialmente por elementos envolventes e fortes. Antecedo aqui apenas um de seus momentos em um dos tantos poemas de 14 versos, que se apresentam como um soneto bem próprio à maneira do autor, que tem a personalidade de um poeta distinto muito louvável:

"Eis então o porquê do desespero
Das mulheres ao verem o sudário
Sobre a pedra vazia. É que nunca antes
Na história do mundo um ser humano
Ressuscitou dos mortos. E o escândalo
Da vinda anunciada do Deus-Vivo
Começara... E a angústia da razão
Dos apóstolos quase os deixou loucos!
Mas o toque nas chagas pelo dedo
Racional de Tomé, o pão comido
Na presença de Pedro que O negou,
Fez os onze entenderem que a razão
Nunca pode ir além dos seus limites,
E que a verdade do homem não é o homem."

Onde Comprar:

<https://www.editoramondrongo.com.br/produto/232468/sacrificium>

Gerson Valle fez pós-graduações na França, Holanda e Portugal. Foi vice-diretor da Faculdade de Direito Estácio de Sá e diretor de ensino da Sociedade de Ensino Superior e Assistência Técnica.



Outono

Roseli B. de Camargo

Tempo de colher as frutas.

Há folhas que se desprendem dos galhos
Ora leve e suavemente
Ao sabor do tempo,
Ora arrancadas
Pelo ímpeto do vento.

O sol torna-se amarelo e brando
Há umidade e certo frio
Na terra
No interior da alma
E no fundo do ar.

Das profundezas de Ariadne
Árvore primordial
Da vegetação rasteira e abundante...
Da vinha
Jorra a seiva-alimento e força!

Das entranhas do solo
Surge a vida nova.

Mas também há morte
Há sacrifícios.
Ante o brilho intenso vivo
e vermelho
No espaço
Há tristeza e desespero
Entre a terra e o Céu.

Novo ciclo se inicia
Dioniso é morte
E ressurreição

Onde estará a alegria
A devoção perene
E o êxtase divino?

Haverá esperança
Ante o ciclo que
Mais uma vez
Diviniza a vida?

Roseli Batista de Camargo é escritora, poeta, professora, Doutora em Estudos Literários - UNESP-FCLAR e Coordenadora do curso de LETRAS - FESL Jaboticabal/ SP.



NOTA DE PESAR – ACADEMIA DE LETRAS DE CAMPOS DO JORDÃO

A Academia de Letras de Campos do Jordão lamenta o falecimento da escritora Lygia Fagundes Telles, membro titular da cadeira 31 da entidade.

Nascida em São Paulo, no dia 19 de abril de 1923, Lygia cresceu no interior paulista. cursou Direito na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde conheceu Mário e Oswald de Andrade, entre outros, integrando a academia de letras da faculdade e colaborando com os jornais *Arcádia* e *A Balança*. Em 1947, casou-se com Goffredo Telles Júnior, com quem teve Goffredo da Silva Telles Neto. Em 1962, casou-se novamente com Paulo Emílio Salles Gomes.

Considerada “a dama da literatura brasileira” e “a maior escritora viva”, a advogada, contista, cronista e romancista foi também um ícone do pós-modernismo. O livro de contos *Porão e Sobrado* (1938), sua estreia literária, foi bem recebido pela crítica.

A escritora publicou quatro romances, vinte livros de contos, algumas crônicas, e teve participações em diversas antologias e coletâneas. Entre suas obras mais famosas, estão *Ciranda de Pedra* (Romance – 1954 – adaptado para a TV), *Antes do Baile Verde* (Contos – Ed. Block – 1970) e *As Meninas* (1973 – Prêmio Jabuti).

Recebeu vários prêmios ao longo de sua carreira, como o Camões (2005), e o Jabuti (1966, 1974 e 2001). Teve suas obras traduzidas para o alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, polo-



Lygia Fagundes Telles

nês, sueco, tcheco, português de Portugal, além de adaptações de suas obras para o cinema, teatro e TV. Foi indicada ao Prêmio Nobel de Literatura em 2016.

Em 1982, a autora foi eleita para compor a diretoria da UBE – União Brasileira de Escritores.

Membro da Academia Brasileira de Letras, é a quarta ocupante da Cadeira nº 16, eleita em 24 de outubro de 1985.

Lygia tomou posse como membro efetivo da Academia de Letras de Campos do Jordão, no Fórum Municipal, em 30 de outubro de 1993, com a presença de diversas autoridades e intelectuais, ocupando a cadeira 31, cujo patrono é seu falecido marido Paulo Emílio Salles Gomes.

Lygia deixa um legado ao Brasil e ao mundo, uma longa e profícua trajetória de vida dedicada à literatura. Sua obra permanece viva e pulsante.

Campos do Jordão, 3 de abril de 2022.

Adriana Harger
Presidente da ALCJ

Sete vidas

Evaldo Balbino

Quando publiquei o meu sétimo livro, tive uma sensação de cansaço, de uma fadiga me atravessando por inteiro. Isso foi em 2017, e o livro era o *Fantasma de Joana d'Arc*, de poesias.

Quase como a guerreira incansável guiando exércitos, sonhando ingenuamente com um rei terreno idealizado e buscando servir a um Rei sempiterno, os meus versos nesse livro prosseguiram a lavra poética. E isso num mundo carente de poesia, mas que não a valoriza como se deve.

Quanto a mim, nada de idealizar reis terrenos, ainda mais eu que não nasci sob nenhuma monarquia e que, na terra, só vejo soberana a poesia. Já o demiurgo eterno, essa força mais do que cósmica que ninguém entende ao certo, esse deus me acompanhou no lançamento da obra e foi me trazendo nos meus frágeis passos até hoje. E agora ainda me carrega com seus braços intocáveis e sem forma, com suas mãos que me acariciam e que me dizem ser difícil toda a jornada que percorro.

O mar de fato se abriu um dia, o rio em verdade cederá caminho, muros de cidades cairão deveras diante de nós... Nenhum desses milagres, porém, nos exime de caminhar nos desertos. Areia seca e pés extenuados. Os corpos atravessando os tempos de aridez e espera. Estar com Deus não nos livra dos entraves. O que se dá é que com Ele temos mais forças para caminhar.

Era o meu sétimo livro. E o número 7 é poderoso, cabalístico, alquímico. O simbolismo do 7 é encontrado no Judaísmo, no Cristianismo, no Zoroastrismo, no Hinduísmo/Budismo, no Islamismo. 7 foram as igrejas primitivas cristãs. 7 são os chacras; 7, as cores do arco-íris. Com 7 dias se criou o mundo. Os 7 dias da semana repetem simbolicamente as 7 épocas da criação do mundo: vemos isso, por exemplo, na antiga cosmovisão hebraica e no ancestral povo babilônico. Deus tem 7 qualificações: imanência, transcendência, onisciência, onipotência, onipresença,



imutabilidade, imaterialidade. Entre os antigos caldeus, 7 eram os grandes astros tidos como mais ativos do que as estrelas fixas: o Sol, a Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno. 7 são as notas musicais, e com elas podemos gerar e ouvir a música da vida. Descartes arrolou 7 paixões humanas: admiração, alegria, amor, desejo, ódio, tristeza e esperança. 7 são os nossos sentidos, e não apenas 5, se considerarmos holisticamente nossa percepção mental e nossa compreensão espiritual. 7 são os pecados capitais. 7 são as maravilhas do Mundo Antigo: Estátua de Zeus no Templo de Zeus em Olímpia, Templo de Ártemis na Turquia, Colosso de Rodas na Grécia, Mausoléu de Halicarnasso na Turquia, o Farol de Alexandria no Egito, os Jardins Suspensos da Babilônia, as pirâmides do Egito. Para as crianças, vieram lá dos contos das fadas 7 anões para viver com Branca de Neve. 7 foram os grandes sábios da Grécia antiga...

A enumeração parece infundável. O que eu fazia lá em 2017, porém, era apenas o lançamento do meu sétimo livro. Um dos meus livrinhos. O que dizer disso? Gatos têm sete vidas, isso consta nos conhecimentos populares. Lembrar disso me faz entender minha caminhada na literatura, apesar de tantos óbices. Escrever e publicar são buscas de sopro, mesmo que o ar que se respira seja pouco, mesmo que poucas sejam as mãos que afagam o livro escrito.

O número 7 tem sim sua importância, e seus mistérios são apelativos. Seus simbolismos me falam de vida persistente. Sete vidas é o que tenho entre palavras. E assim, por mercê de Deus, prosseguo nas vias literárias.

Evaldo Balbino é professor da Universidade Federal de Minas Gerais. evaldo_balbino@yahoo.com.br

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br



A TI, ÁGUA, THIAGO

(janeiro, 15/22 – o poeta fica encantado)

Newman Ribeiro Simões

poetaoceânico
da água doce,
reúne rios
e ventos,
pássaros
e barqueiros,
seringueiros
e feras da floresta

teu canto
é luz emitida da floresta
como o canto do galo
anunciando a aurora

as raízes de tua majestosa
singularidade
vagaluminosidade
afundam-se, agora,
no silêncio

as estrelas
como pontos luminosos da floresta
ainda fazem do
teu canto
um fazedor de amanheceres

Newman Ribeiro Simões é escritor, poeta, professor, engenheiro agrônomo e Mestre em Estatística pela ESALQ-USP.

CHUVA DE OUTONO

Carlos Moura

Na varanda da morada da musa
não torrencial, mas intermitente
em pingos espessos e intensos
a chuva cai do céu incontinente

Não é mais de verão, é outonal:
mais forte, vigorosa, dita pesada
Não em pancadas, na horizontal
cai quase sem pressa e parada

Impiedosa, a de sábado passado
era bela ao aproximar-se do chão
descendo em feixes cor de prata

Na aparência, foi um espetáculo
que não tivesse poder destrutivo
levaria toda sua plateia ao delírio.

Carlos Moura é escritor, poeta, jornalista, editor do Jornal Centro em Foco e coordenador do Sarau do Jornal.

O SILÊNCIO DO BEM-TE-VI

Raymundo Farias de Oliveira

Na manhã deste domingo ensolarado
fiquei sozinho na varanda
contemplando a paisagem do arvoredo...
o bulício do vento na folhagem
era a música que embelezava o silêncio
onde pombinhas cinzentas brincavam
voando de uma copa para outra
e eu ali na minha cadeira solitária
empolgado com aquele espetáculo sublime
De repente fui surpreendido
com a chegada de um bem-te-vi
estava sozinho deu uns passinhos
em cima do muro e depois num voo curto
se instalou num galho
Esperei que ele desatasse seu canto
que sempre me emociona e nada!
ficou por ali na mais estranha quietude
Coitado! deve ter vindo da Ucrânia...

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, cronista e procurador do Estado aposentado. Autor de Sob o Céu de Jerusalém e Poemas da Madrugada.

BRIC XXII - A volta de uma revista histórica

Depois de 32 anos sem circular, a revista de poesia experimental *Bric-a-Brac* voltará a ser publicada - em edição especial de celebração ao centenário da Semana de Arte de 22 -, a partir do próximo mês de maio.

A revista será impressa num papel couchê caprichado, com capa dura e multicolor.

Contará com a participação de mais de 50 poetas brasileiros e abrigará algumas matérias e entrevistas especiais.

Os destaques ficarão por conta de um artigo do poeta concreto Augusto de Campos, 91 anos, que buscará na sua memória a convivência do grupo Noigandres com Mário e Oswald de Andrade, encontro esse que fortaleceu obras - nascidas no ciclo de 22 - como o *Rei da Vela* e *Macunaíma*, além dos poemas ousados dos Andrades.

O poeta, professor e acadêmico Antônio Carlos Secchin recebeu, na sua biblioteca de 20 mil exemplares, o editor Luís Turiba para mostrar e comentar in loco os dez livros que mais influenciaram na formação do Modernismo Brasileiro; com um ensaio fotográfico desses livros na sua primeira edição.

Uma apresentação inédita de uma cartadocumento - "De Crihoulo para Crihoulo" - onde o poeta negro Arnaldo Xavier, já falecido, que comenta, ao longo de 20 páginas, com o poeta vivo Éle Semog, os rumos da poética negra brasileira dos anos 70/80.

O poeta e professor Ronald Augusto faz um ensaio sobre Arnaldo e dedica um poema à carta glauberiana de um poeta ao outro. Tudo extremamente forte e esclarecedor.

Fotos, colagens, poemas visuais e surpresas bricabraqueanas nesta edição que terá um patrocínio do GDF e marcará a poesia experimental e o modernismo neste ano tão marcante.

Além de tudo isso, apresentaremos uma entrevista - também polêmica - com o poeta-antropólogo Antonio Rissério onde ele relata sua experiência com marketing político, entre outros temas.

Uma revista plural, combativa, de resistência e invenção poética.

Depois de cinco meses na Ilha de Edição, em Belo Horizonte, no escritório do poeta-arquiteto João Diniz, com direção gráfica de Romulo Garcias, a BRIC XXII está prontinha para fazer, até o final deste mês, seus textos gráficos e entrar no forno.

Aguardem: o lançamento inicial será em Brasília, depois em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Recife, e por aí vamos.



Luís Turiba

NOS MEUS 97 ANOS

José Peixoto Júnior

A velhice é uma beleza!...
faz anos que entrei nela,
eu nem me dou conta dela
embora dê mais despesa.
Caduquice, com certeza,
não me interessa falar;
bom mesmo é comemorar
enquanto a vida se estica,
quanto mais velho se fica
mais velho se quer ficar.

José Peixoto Júnior, escritor e poeta, é membro da Associação Nacional de Escritores, da Casa do Poeta Brasileiro (seção de Brasília), da União Brasileira de Escritores e do Instituto Cultural do Cariri.



Livros



Antologia Memoráveis Participantes (Descansem em Paz) - Página Momento Litero Cultural, organizada por Selmo Vasconcellos, Livros Costela Felina, 64 páginas.

A obra reúne poemas que foram publicados, na página Momento Litero Cultural, semanalmente, no *Jornal Alto da Madeira*, coordenada por José Ailton Ferreira Bahia (1951 - 2005) e Selmo Vasconcellos, a partir de 15 de agosto de 1991. Desde 28 de julho de 2000, apenas sob coordenação de Selmo Vasconcellos. A última página publicada foi em 5 de julho de 2012, edição nº 1115.

Participaram da antologia os poetas José Ailton Ferreira (Bahia), Jayme Ferreira, Kleon Maryan, Aureo Mello, Alonso Rocha, Eno Teodoro Wanke, Agostinho Rodrigues, Francisco Andreoli, Nilto Maciel, Arthur Bartelmess, Jorge Tufic, Ethel Weitzmann, Cecília Fidelli, Milton Dias Fernandes, Barros Pinho, Zanoto (José de Souza Pinto), Jack Rubens, Newton Rossi, Miguel Russowsky, Artur da Távola, Mariazinho Congílio, Rosemary Lopes Pereira, Olga Savary, Orlando Brito, Ilma Fontes, Núbia N. Marques, Miguel Jorge Maltz, Sylvia Reys, Lary Franceschetto, Aprygio Nogueira, Amélia Sparano, Marina de Fátima Dias, Mitsuko Kawai, Joanyr de Oliveira, Haroldo Rodrigues de Castro, Aníbal Beça, Albertina Moreira Pedro, Flávio Rubens Arantes Barroso, Cacilda de Jesus, Fernando Py, Nelson Fachineilli, Ione Braga Ferreira, Alba Granja Medeiros, Juju Campbell, Cairo Trindade, Ilka Brunilde Laurito, Ismênia Fonseca Faraone, Renato Baez, Aurélio Rodrigues Loiola, Fernando Vasconcellos, Caio Porfírio Carneiro, João Weber Griebeler, Maria Thereza Cavalheiro, Henriques Cerro Azul, Paulo César Gutierrez Guggiana, Tobias Pinheiro, Marciano Vasquez Pereira, Abel Beatriz Pereira, Jean-Paul Mestas, Afonso Félix de Souza, Marcelino R. da Ponte, Stella Leonardos, Nina de Almeida, Aricy Curvello, Nelson Hoffmann, Silva Barreto, Emanuel Medeiros Vieira, Marialzira Perestrello, Cheila Stumpf, Hildemar de Araújo Costa, Norberto de Oliveira, Idáσιο Tavares, Antônio Zoppi, Eunice Arruda, Leonilda Hilgenberger Justus, Aluysio Mendonça Sampaio, Genita Corrêa Lemos, José Mendonça Telles, Antônio Lázaro de Almeida Prado, Armindo Branco Mendes Cadaxa, Osael de Carvalho, Rodrigo Souza Leão, Tânia Diniz, Walter Rossi, Wanda Lins, Nathan de Castro, Esther Moura, Paulinho Tapajós, Afonso Estebanez, Pedro Lyra, Ascendino Leite, Cléa Gervason Halfeld, Aldenor Benevides, Benvindo Pereira, José Ailton Ferreira (Bahia), Reynaldo Valinho Alvarez e Irineu Volpato.

Costelas Felinas: livroscostelasfelinas@gmail.com

Selmo Vasconcellos: Rua Guiana, 2802 - Porto Velho - RO - 76820-762.

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVIER

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi

Manacá, crônicas de Raquel Naveira, Editora Penalux, Guaratinguetá (SP), 130 páginas. ISBN: 978-65-5862-240-6

A autora é escritora, poeta, cronista, professora e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da Academia Cristã de Letras e do PEN Clube do Brasil.

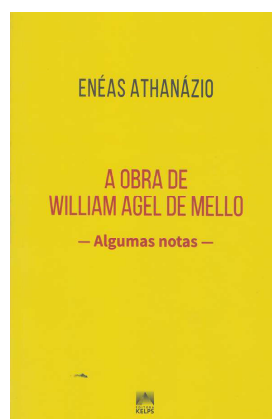
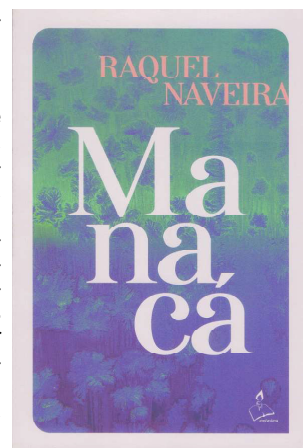
A obra é dividida em seis partes: Vegetais, Criaturas, Reminiscências, Mistérios, Retratos - que abriga as crônicas Harpa, Clarice Lispector e suas revelações epifânicas, Anna Maria Martins: Mulher Admirável, Noiva e Príncipe Philip - e Desenhados.

O prefácio é de Ronaldo Cagiano e a orelha é de Diego Mendes Sousa.

A capa e diagramação são de Guilherme Peres.

Editora Penalux: www.editorapenalux.com.br

Raquel Naveira: raquelnaveira@gmail.com



A Obra de William Agel de Mello - Algumas Notas, Enéas Athanázio, Editora Kelps, Goiânia (GO), 52 páginas.

ISBN: 978-65-5859-415-4.

O autor é escritor, contista, cronista, ensaísta, advogado, professor e Promotor de Justiça aposentado. Foi um dos fundadores e o primeiro presidente do Conselho Municipal de Cultura de Blumenau (SC).

O ensaio é sobre a obra do diplomata, escritor e linguista William Agel de Mello.

Segundo Cristian Luis Hruschka, "Incansável, continua vivendo e acumulando mais experiências pelos caminhos que percorre."

O livro que você tem em mãos é uma homenagem a essa grande personalidade brasileira."

Editora Kelps: www.editorakelps.com.br

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELhado

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.

2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Notícias



Lygia Fagundes Telles

Lygia Fagundes Telles, escritora, romancista e contista, faleceu no dia 3 de abril, em São Paulo. Nasceu em São Paulo (SP), no dia 19 de abril de 1918 e não no ano de 1923 como foi noticiado pela mídia impressa e eletrônica. Conforme Certidão de Registro de Casamento de Goffredo da Silva Telles Júnior e Lygia de Azevedo Fagundes Telles, no livro nº 52, folha 259, da 12ª Zona de Santa Cecília, de 17 de agosto de 1947, consta como data de seu nascimento o dia 19 de abril de 1918. Lygia faleceu aos 103 anos e não aos 98 anos. Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Paulista de Letras. Formada em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Estreou na Literatura com o livro de contos *Porão e sobrado*, em 1938. *Ciranda de Pedra*, primeiro romance, foi publicado em 1954. O romance *As meninas* (1973) foi transformado em filme em 1995 e dirigido pelo cineasta Emílio Ribeiro. Laureada com o Prêmio Camões, com os Prêmios Jabuti, Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras, de Ficção da Associação Paulista de Críticos de Arte e com o Troféu Juca Pato - Prêmio Intelectual do Ano da União Brasileira de Escritores de São Paulo. Foi agraciada com o título de "Doutora Honoris Causa" pela Universidade de Brasília.

Ana Fontes, fundadora da Rede Mulher Empreendedora, lançou pela Editora Jandaíra, o livro *Negócios: um assunto de mulheres* que mostra como as mulheres podem ter autonomia financeira por meio de seus próprios negócios.

Betty Milan, escritora, psicanalista e membro da Academia Paulista de Letras, lançou o livro de ficção *Heresia*, pela Editora Record.

Alguma poesia, livro de estreia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), editado em 1930, foi lançado pelo Grupo Editorial Record. Também estão sendo publicadas, pela mesma editora, as obras *Claro enigma* (1951) e *Sentimento do Mundo* (1940), de Drummond.

Diálogos com Paulo Freire – tributo ao centenário do Patrono da Educação Brasileira, livro organizado por Waldeck Carneiro - doutor em Ciências da Educação pela Sorbonne e professor da Universidade Federal Fluminense -, foi lançado pela Editora Nitpress. O livro abriga artigos de educadores e pesquisadores que analisam a obra do patrono da Educação brasileira e um depoimento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva que destaca o papel de Freire na construção do Partido dos Trabalhadores. O prefácio é do sociólogo francês Eric Plaisance e o posfácio é de Osmar Fávero, profundo conhecedor do fenômeno Freire.

Kátia Brasilino Michelin, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, lançou *Um patrimônio de origem medieval no Brasil: guia classificatório dos incunábulo da Fundação Biblioteca Nacional* que foi editado pela equipe de Editoração da Biblioteca Nacional. O livro, resultado da pesquisa realizada no Programa Nacional de Apoio a Pesquisadores Residentes, mostra a riqueza de uma coleção significativa de impressos do século XV, guardada entre os tesouros da Biblioteca Nacional. O guia está disponível em <https://www.bn.gov.br/producao/publicacoes/um-patrimonio-origem-medieval-brasil-guia-classificatorio>.

Ana Maria Ramos Estevão lançou *Torre das Guerreiras e outras memórias*, pela Editora 106, Selo 106 Memórias/Fundação Rosa Luxemburgo, com prefácio de Dilma Rousseff. A autora foi estudante de Serviço Social, participou do movimento estudantil e atuou na Ação Libertadora Nacional. Escreve sua história, que se entrelaça com tantas outras como a da ex-presidenta Dilma Rousseff, para que ninguém esqueça o que aconteceu na ditadura militar, principalmente, com as mulheres.

O Prêmio Amigo do Livro, promovido pela revista *Livro* do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição da USP, agraciou o *Jornal da USP*, Cida Saldanha da Livraria da Vila e Alexandre Martins Fontes da Livraria Martins Fontes. Os laureados receberam um diploma e a escultura criada pela artista plástica Maria Bonomi.

Carlos Gildemar Pontes lançou o livro *Crítica da Razão Mestiça*, no Sarau Bodega do Brasil, no dia 9 de abril, na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

A Escravidão na Poesia Brasileira: do século XVII ao XXI, antologia poética com o tema escravidão, organizada por Alexei Bueno, foi lançada pela Editora Record.

Sharjah, Emirados Árabes, foi o Convidado de Honra da Feira do Livro Infantil de Bolonha que foi realizada de 21 a 24 de março, em Bolonha, Espanha. Sharjah organiza a terceira maior feira de livros do mundo.

A Casa 1, do centro de cultura e acolhimento de pessoas LGBTQIAP+ que foram expulsos de casa pela família por suas orientações afetivas sexuais e identidade de gênero, está arrecadando doações de livros de quadrinhos, livros de ficção, romance e outros gêneros literários, além de DVDs e CDs para a Biblioteca Comunitária Caio Fernando de Abreu. As doações poderão ser entregues de segunda a sexta, das 10 às 18 horas, no Galpão Casa 1, Rua Adoniran Barbosa, 151, na Bela Vista, em São Paulo.

Marcio Pinheiro, produtor cultural, editor e jornalista, lançou *Rato de Redação - Sig e a História do Pasquim*, pela Matrix Editora. A obra traça o caminho de 22 anos de atividade do jornal alternativo, editado entre 26 de junho de 1969 e 11 de novembro de 1991, que marcou um papel importante de oposição ao regime militar.

Heloisa Prieto lançou *As aventuras de um cão chamado Petit*, com ilustrações de Maria Eugênia, pela Editora FTD Educação. A autora narra a amizade entre um cachorro, uma menina especial e sua irmã mais velha. O enredo trata de temas como autismo, dificuldade de socialização e bullying, além da importância da inclusão e do apoio às crianças com necessidades especiais.

Dalmo (de Abreu) Dallari, professor, escritor e jurista, faleceu no dia 8 de abril, em São Paulo, vítima de um AVC. Nasceu em Serra Negra (SP) em 31 de dezembro de 1931. Foi diretor e professor emérito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Fez oposição ao regime militar após o golpe de 1964. Participou da organização da Comissão Pontifícia de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo. Em 1996, tornou-se professor, catedrático da UNESCO, na cadeira de Educação para a Paz, Direitos Humanos e Democracia e Tolerância, criada na Universidade de São Paulo. Foi secretário dos Negócios Jurídicos da Prefeitura de São Paulo, de 1990 a 1992, na gestão da prefeita Luiza Erundina. Foi agraciado com o Prêmio Intelectual do Ano - Troféu Juca Pato, promovido pela União Brasileira de Escritores de São Paulo. Autor de *Elementos de Teoria Geral do Estado*, *O Futuro do Estado*, *Direitos Humanos e Cidadania*, *O direito da criança ao respeito*, *Que são direitos da pessoa*, entre outras importantes obras.

Yao Feng, escritor, poeta, tradutor e professor catedrático na Universidade Macau, lançou o livro de poemas *O além da montanha* pela Editora Moinhos.

A Editora UNESP lançou *A revolução recuperadora*, de Jürgen Habermas, com tradução de Rúlion Melo, pela coleção Pequenos escritos políticos.

O 64º Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, está com inscrições abertas até o dia 26 de maio de 2022. Informações: www.premiojabuti.com.br

Luiz Felipe Pondé lançou *A filosofia e o mundo contemporâneo: meditações entre o espanto e o desencanto*, pela Editora Nacional.

Francisco Paiva de Carvalho lançou *A descoberta dos crizinlins*, pela Kotter Editorial. A obra é uma fábula que se desenrola no interior do nosso país, com personagens da fauna brasileira, tendo como proposta, além do entretenimento, alertar as crianças sobre o real perigo do uso de drogas. <https://kotter.com.br/loja/a-descoberta-dos-crizinlins-francisco-paiva-de-carvalho>.

Projeto de Educação Ambiental e Incentivo à Leitura lançou novo livro e a formação completa EAD para educadoras *Lua, Colar, Coral, Mar* que faz parte do programa *Abraça o Mar* e pratica a mesma metodologia do Projeto Doudadinho, ancorado em outra obra de Cascabulho.

